



NÍVEIS DE ALFABETIZAÇÃO: UMA ANÁLISE DAS HIPÓTESES DE ESCRITA DO JARDIM II E DO 1º ANO DO ENSINO

FUNDAMENTAL

Ana Maria de Oliveira da Costa¹

Anna Beatriz de Sousa²

Flávia Rodrigues Soares³

Kariny Alves Trindade⁴

Lorranny Araújo Vieira⁵

Sônia Bessa⁶

Resumo

Esse artigo com aporte na psicogênese da língua escrita proposta por Emília Ferreiro com referência na psicologia genética teve como objetivo analisar os níveis e as hipóteses de escrita das crianças de duas turmas de jardim II de duas turmas de 1º ano do Ensino Fundamental, de escolas pública e particular no município de Formosa-GO. Foi aplicada uma sondagem escrita: uma metodologia que o professor utiliza para identificar em que fase da alfabetização os alunos se encontram quanto à escrita alfabética. Participaram 63 crianças do 1º ano e Jardim II do ensino fundamental de escola particular e municipal da cidade de Formosa-GO. Os níveis de alfabetização encontrados apresentam uma acentuada diferença significativa, quando se comparam os dois tipos de escola (pública e particular). Dos 55,6% de estudantes de nível pré-silábicos 52,4% estão na escola pública e somente 3,2% estão na escola particular. No nível alfabético ocorre uma inversão, dos 34,9% de estudantes nesse nível 31,7% são da escola particular e somente 3,2% são da escola pública. Os dados mostram que os estudantes com o nível alfabético, que é considerado o mais avançado, estão predominantemente na escola particular. Essa investigação abre discussão para o papel da solicitação do meio como mecanismo capaz de dirimir essa diferença e garantir a todas as crianças o direito à educação.

Palavras-chave: Alfabetização, Sondagem, Escola, Hipóteses, Crianças, Escrita.

-
- 1 Acadêmica do oitavo semestre do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás – Campus Formosa. E-mail: abssousabeatriz@gmail.com
 - 2 Acadêmica do oitavo semestre do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás – Campus Formosa. E-mail: ana.maria.costta@hotmail.com
 - 3 Acadêmica do oitavo semestre do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás – Campus Formosa e Membro do laboratório LIMA. E-mail: rodriguesflavia867@gmail.com
 - 4 Acadêmica do oitavo semestre do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás – Campus Formosa. E-mail: karinyalvestrindade@gmail.com
 - 5 Acadêmica do oitavo semestre do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Goiás – Campus Formosa. E-mail: lorrannyvieira@gmail.com
 - 6 Doutora em Educação. Professora do curso de pedagogia da UEG-Campus Formosa. Membro do LIMA - Laboratório Interdisciplinar em Metodologias Ativas da UEG. Email: soniabessa@gmail.com

Introdução

Atualmente, muitas são as teorias acerca de como ocorre a aprendizagem das crianças. Alguns construtos teóricos esclarecem minuciosamente como as crianças aprendem, exemplo importante são os estudos da linguista Emilia Ferreiro. Constatase no contexto brasileiro e latino americano que é difícil tratar de alfabetização de crianças, sem citar os estudos pioneiros de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, cuja base teórica remonta ao construtivismo Piagetiano.

Assim, a construção do conhecimento humano advém do seu contato com o meio e os estímulos providos por ele, o conhecimento vai se aprimorando ao decorrer do tempo e por meio de estímulos que o induzem na construção de seus saberes, o ser humano age sobre o meio para a construção dos seus saberes.

Emília Ferreiro e Ana Teberosky, psicolinguistas argentinas deram início a uma investigação no ano de 1974, partindo da concepção de que a aquisição do conhecimento se apoia na atividade da criança, em contato com um objeto de conhecimento. Antes de chegar à escola, essa traz consigo, ideias e elabora hipóteses sobre os códigos que são escritos. Essas duas autoras elaboraram e descreveram estágios que as crianças percorrem até a aquisição da leitura e da escrita. Essa teoria foi comprovada e reformulada pelas autoras em 1986, no livro denominado *a Psicogênese da língua escrita*. Nesse exemplar as autoras esclarecem:

[...] Pretendemos demonstrar que a aprendizagem da leitura, entendida como questionamento a respeito da natureza, função e valor deste objeto cultural que é a escrita, inicia-se muito antes do que a escola imagina, transcorrendo por insuspeitados caminhos. Que além dos métodos, dos manuais, dos recursos didáticos, existe um sujeito que busca a aquisição de conhecimento, que se propõem problemas e trata de solucioná-los, segundo sua própria metodologia. [...] insistiremos sobre o que se segue: trata-se de um sujeito que procura adquirir conhecimento, e não simplesmente de um sujeito disposto ou mal disposto a adquirir uma técnica particular.(FERREIRO e TEBEROSKY, 1986, p. 11).

A partir da publicação do livro, muitas opiniões que dizem respeito a alfabetização de crianças, tomaram um rumo mais abrangente, em alguns aspectos evoluíram bastante, principalmente sobre as características referentes a forma como as crianças aprendem. Os Parâmetros curriculares Nacionais PCN, descrevem a trajetória e o impacto dos estudos de Ferreiro e Teberosky.

No início dos anos 80, começaram a circular, entre educadores, livros e artigos que davam conta de uma mudança na forma de compreender o processo de alfabetização; deslocavam a ênfase habitualmente posta em como se ensina e buscavam descrever — como se aprende —. Tiveram grande impacto os trabalhos que relatavam resultados de investigações, em especial a psicogênese da língua escrita. Esses

trabalhos ajudaram a compreender aspectos importantes do processo de aprendizagem da leitura e da escrita. (BRASIL,1997, p. 20).

Ferreiro e Teberosky (1996), propõem que é através de interações com o meio, e experimentações que a criança irá construir hipóteses sobre a escrita e o seu funcionamento. Seu conhecimento prévio é essencial nas novas aprendizagens, desse modo a evolução de sua escrita não é linear, mas movida por conflitos, entre ideias e desafios acerca de sua aprendizagem. Essas autoras propõem como um dos aspectos importantes da aprendizagem um contexto escolar que, privilegie a ação e a reflexão da criança, permitindo assim que elas possam pensar em como se escreve e como se lê. A aquisição da escrita é um produto de uma construção ativa. Para essas autoras é importante deixar a criança escrever tal qual ela imagina, explorando, nesse caso, suas hipóteses.

Para Ferreira (2015, p. 37), “é necessário permitir que a criança ‘erre’ para que chegue a conhecer realmente. Se impedirmos esses erros construtivos impediremos também que a criança se desenvolva”. Essa teoria tem o seu princípio básico nos pressupostos de Jean Piaget (1896-1984), com foco no processo de construção da escrita como um sistema de representações da linguagem, em que a criança é protagonista do seu aprendizado. O papel do educador é de mediar e ajudar a criança a compreender esse processo de construção, intervir de forma assídua nas hipóteses levantadas pela criança.

A criança entra no processo de aquisição de leitura e escrita bem antes de matricular-se na escola, pois, já está em contato com materiais diversos como livros, revistas, jornais e outros. Os pais leem histórias para seus filhos, ou podem estar lendo um jornal ou revista, deixando as mesmas entrarem em contato. Freire (2003, p. 2) afirma que “a alfabetização na perspectiva construtivista é concebida como um processo de construção conceitual, contínuo, iniciado muito antes de a criança ir para escola, desenvolvendo-se simultaneamente dentro e fora da sala de aula”. Para essa autora a psicogênese da língua escrita é uma abordagem psicológica de como a criança se apropria da língua escrita e não necessariamente um método de ensino.

Ao ingressar na escola alguns professores a fim de verificar quais os níveis da psicogênese da língua escrita fazem uma sondagem que tem como objetivo ser um instrumento de análise para verificar as hipóteses de grafia dos estudantes ao estarem em contato com os desafios da escrita. Os estágios encontrados por Ferreiro e Teberosky (1986) em que a criança passa na psicogênese não são adquiridos de forma,

mecânica em que as crianças apenas memorizam, também não é um processo apenas de codificar e decodificar, mas sim construções feitas por ela. Os níveis da psicogênese propostos por essas autoras são: pré-silábico, silábico, que se divide em silábico-alfabético, e o alfabético.

Freire ao falar sobre esses níveis afirma:

Tais níveis são caracterizados por esquemas conceituais que não são simples reproduções das informações recebidas do meio, ao contrário, são processos construtivos onde a criança leva em conta parte da informação recebida e introduz sempre algo subjetivo. É importante salientar que a passagem de um nível para o outro é gradual e depende muito das intervenções feitas pelo/a professor/a. (FREIRE 2003,p.02).

Cláudia Martins Moreira (2009), baseada nos estudos de Emília Ferreira e Ana Teberosky descreveu assim a fase silábico alfabética:

Gradativamente, a criança vai percebendo que as letras representam os sons; todavia, ela ainda não se libertou completamente da hipótese silábica, tanto que, algumas vezes, representa a sílaba, outras vezes, representa o fonema. Ela se encontra na hipótese Silábico Alfabética. (MOREIRA, 2009. p.362) .

Nesta fase a criança passa por um processo de reestruturação de suas aprendizagens e está em um estágio de transição para o aperfeiçoamento de seus saberes e o avanço para uma nova fase de saber.

Na perspectiva de Ferreiro e Teberosky (1996) esse estudo tem como objetivo analisar os níveis e as hipóteses de escrita das crianças do jardim II e do 1º ano do Ensino Fundamental e verificar se existem diferenças entre escolas públicas e particulares e em que consistem essas diferenças. .

Metodologia

Com o intuito de analisar os níveis e as hipóteses de escrita das crianças, de duas escolas na rede pública, e duas escolas privadas de Jardim II e de 1º ano, foram aplicadas sondagens escritas com as crianças das respectivas turmas. A sondagem é um método que o professor utiliza para identificar em que fase da alfabetização os alunos se encontram, este recurso não é um procedimento que deve ser utilizado para classificar os alunos, ela tem como um dos principais intuítos orientar e ajudar o professor a melhorar, fundamentar os planos educacionais e executar de forma correta e eficaz os seus planos de aula para o êxito na alfabetização

A sondagem foi aplicada por acadêmicas do 3º ano do curso de Pedagogia da UEG-Formosa, atendendo a solicitações da disciplina de estágio supervisionado II. Foi solicitado aos alunos que escrevessem da forma que quisessem e soubessem quatro palavras e uma frase do mesmo campo semântico. A sondagem foi aplicada em duas escolas, uma pública e uma privada, em turmas de jardim II e 1º ano do ensino fundamental. Participaram dessa investigação 63 estudantes. 21 do jardim II, e 42 do 1º ano do ensino fundamental. Quanto ao gênero ocorreu uma predominância de meninas, com 40 dos participantes e 23 de meninos. A idade variou entre 5 e 7 anos, sendo que, 21 tem 5 anos, 34 tem 6 anos, essa faixa etária de 6 anos apresenta o maior índice de crianças. E com 7 anos são somente 8. Todas as crianças de 7 anos estão no primeiro ano escolar, sendo que na escola pública foram 5 crianças e na escola particular 3. Da escola pública foram 24 participantes e da escola particular 39. Num mesmo dia foram aplicadas todas as sondagens em forma individual, houve a participação de 4 estagiárias do curso de pedagogia.

Resultados e Discussões

Participaram dessa investigação 63 estudantes conforme tabela 1. São 21 (33,3%) estudantes do jardim II, 42 (66,7) do 1º ano do ensino fundamental. Quanto ao gênero tem uma predominância de meninas, com 40 (63,5) dos participantes e 23 (36,5%) de meninos. A idade varia de 5 a 7 anos, sendo 21 (33,3%) tem 5 anos, 34 (54%) tem 6 anos, esse apresenta o maior índice de crianças. E com 7 anos são somente 8 (12,7%). Todas as crianças de 7 anos estão no primeiro ano escolar, sendo que na escola pública são 5 e na escola particular 3. Participaram duas escolas uma pública e outra particular. Da escola pública foram 24 (38,1%) participantes e da escola pública 39 (61,9%). A distribuição dos estudantes por idade, ano escolar, tipo de escola que frequência e nível acadêmico pode ser verificada na tabela 1.

Tabela 1 – distribuição dos estudantes - Ano escolar cursado / Escola / Idade

Idade				Escola		Total
				Particular	Pública	
5	Ano escolar cursado	Jardim II	N	4 19,0%	15 71,4%	19 90,5%
		1o ano ensino fundamental	N	0 0,0%	2 9,5%	2 9,5%
	Total		N	4 19,0%	17 81,0%	21 100,0%
6	Ano escolar cursado	Jardim II	N	1 2,9%	1 2,9%	2 5,9%
		1o ano ensino fundamental	N	16 47,1%	16 47,1%	32 94,1%
	Total		N	17 50,0%	17 50,0%	34 100,0%
7	Ano escolar cursado	1o ano ensino fundamental	N	3 37,5%	5 62,5%	8 100,0%
	Total		N	3 37,5%	5 62,5%	8 100,0%
Total	Ano escolar cursado	Jardim II	N	5 7,9%	16 25,4%	21 33,3%
		1o ano ensino fundamental	N	19 30,2%	23 36,5%	42 66,7%
	Total			24 38,1%	39 61,9%	63 100,0%

N=Freqüência.

Fonte: Dados organizados pelas pesquisadoras.

A escola de ensino privado está localizada próximo ao centro da cidade de Formosa-Go, é caracterizada pelos gestores como uma escola de nível socioeconômico médio. A maioria dos alunos são considerados como pertencentes a classe média, os pais trabalham, inclusive tem alunos que chegaram do exterior. A turma de Jardim II é composta por 22 alunos, sendo 13 meninas e 9 meninos. Foi permitido realizar a sondagem somente com 5 estudantes, indicados pela professora. Desconhece-se qual o critério utilizado para selecionar essas 5 crianças. A professora licenciada em Matemática descreveu a turma como tendo um bom desenvolvimento, declarou que trabalha com jogos, e material lúdico.

A turma é de 1º ano do ensino fundamental I tem 30 alunos, mas a sondagem foi realizada somente com 19 sendo 11 meninas e 8 meninos. A professora é licenciada em Pedagogia, e relata que os alunos levam diariamente as tarefas para casa, e trazem respondidas, os pais estão sempre presentes nas reuniões e sempre estão acompanhando os seus filhos. Diariamente mandam bilhetes e avisos na agenda que são verificados pelos pais.

A escola de ensino público está localizada no Bairro Village da cidade de Formosa-Go, é caracterizada como “Escola Popular”. A escola possui uma realidade um

tanto quanto precária, poucos materiais pedagógicos, salas lotadas e pequenas. A professora de Jardim II possui graduação em Letras e a do 1º ano possui graduação em Pedagogia.

A turma de Jardim II a professora é licenciada em Letras, a turma composta por 16 alunos, sendo 10 do sexo feminino e 6 do sexo masculino. Durante a realização da sondagem 3 alunos sendo 2 do sexo feminino e 1 do sexo masculino não participaram ativamente da atividade proposta, justificaram que tem muitas dificuldades e devido a esse fato, não conseguem escrever nada além do próprio nome. Um dos grandes problemas citados pela professora é a questão da frequência: muitos alunos passam semanas sem frequentar as aulas, só retornam após o contato da direção e ameaça de encaminhar o caso para o Conselho Tutelar. A direção e a professora alegaram a ausência dos pais em levar seus filhos até a escola e não fazer o acompanhamento escolar de seu filho, esse é um dos problemas apresentados pela escola. Nota-se também a falta de materiais para ministrar aulas mais interativas. Todo material utilizado é custeado pelas professoras. O espaço disponibilizado tem pouco a oferecer para que as crianças participem de um recreio divertido e interessante. Dessa turma 10 estudantes participam do Programa Mais Educação –O PME, esse programa do governo federal tem o objetivo de melhorar a aprendizagem do aluno oferecendo um reforço em horário contrário, muitas crianças afirmaram que gostam de frequentar as aulas do Programa, falaram que fazem atividades interessantes e a professora é legal. Quanto a aprendizagem, eles afirmaram ter aprendido bastante com as aulas frequentadas. A jornada dos alunos que participam do Mais Educação, inicia-se às 13 horas, e vai até as 16 horas, os estudantes recebem refeições no próprio ambiente escolar.

A turma de primeiro ano, é composta por 30 alunos entre 5 e 7 anos de idade. Quanto a realidade dos alunos, a professora informou que a maioria dos alunos são de classe baixa, alguns moram no próprio bairro, e outros se locomovem do setor de chácara, em que a prefeitura disponibiliza um ônibus para locomoção dos alunos até a escola. Sobre a participação dos pais dessas crianças, a professora informou que de 30 alunos, os pais de apenas 7 participam de forma assídua das reuniões e atividades da escola. Dos 30 alunos, 27 participam do Programa Mais Educação – PME. Para as turmas de primeiro ano. A estratégia do Ministério da Educação para melhorar a aprendizagem em língua portuguesa e matemática no ensino fundamental, é a ampliação da jornada escolar das crianças, os alunos permanecem na escola até as 16 h.

A professora informou alguns dados da realidade de alguns alunos, como falecimento recente dos pais, extrema pobreza, pai ou mãe que se encontram presos, pai ou mãe com problemas de dependência química ou alcoólatra.

Sobre três alunos em específico que se encontram no nível pré-silábico, duas meninas do sexo feminino e um do sexo masculino, uma das meninas possui problemas no desenvolvimento da fala, e que segundo a professora, são problemas cognitivos também. A criança não possui laudo médico, a professora informou que já procurou a mãe da criança, mas a mãe informou não ter condições para procurar um especialista. Sobre a outra menina supra citada, a professora informou que ela ficou metade do ano sem estudar, foi mandada para a escola atual por medidas de segurança pela polícia pois, membros da família estariam envolvidos em crimes no outro bairro que moravam e que a criança estudava desde o Jardim II. Quanto menino, a professora informou que a mãe só foi a escola para fazer a matrícula, a criança volta com as tarefas de casa em branco, e apresenta sinais de desnutrição, segundo a professora, a mãe é alcoólatra.

A tabela 2 apresenta a distribuição quanto aos níveis de alfabetização de todos os estudantes que participaram da sondagem. O nível com maior representatividade é o pré-silábico com 35 (55,6%). Nesse nível as crianças não fazem distinção entre desenhar e escrever. Utilizam linhas retas e curvas ou repetem uma única letra várias vezes. No nível silábico (com e sem valor sonoro) a criança faz tentativas para atribuir um valor sonoro a cada uma das letras que compõem a escrita, nesta fase há um conflito com hipótese de quantidade mínima de letras.

No nível silábico foram encontrados 6 estudantes (9,5%), e por fim no nível alfabético são 22 estudantes (34,9) cujas características são: entender os sons de todas ou de quase todas as letras, já compreende que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores menores que a sílaba, e que uma palavra, se tiver duas ou três sílabas, exige-se, que dois ou três movimentos para ser pronunciadas.

Tabela 2 – Níveis de alfabetização

	Frequência	Porcentagem
Pré-silábico	35	55,6
Silábico sem valor sonoro	5	7,9
Silábico com valor sonoro	1	1,6
Alfabético	22	34,9
Total	63	100,0

Fonte: dados organizados pelas pesquisadoras.

O nível de alfabetização apresenta uma acentuada diferença significativa (tabela 3) quando se compara os dois tipos de escola (pública e particular) dos 55,6% de estudantes pré-silábicos 52,4% estão na escola pública e somente 3,2% estão na escola particular. No nível alfabético ocorre uma inversão, dos 34,9% de estudantes nesse nível 31,7% são da escola particular e somente 3,2% são da escola pública como pode ser verificado na tabela 3.

Tabela 2 – Níveis de alfabetização/tipo de escola

		Nível de Alfabetização			
		Pré-silábico	Silábico sem valor sonoro	Silábico com valor sonoro	Alfabético
Escola	particular	3,2%	3,2%	0,0%	31,7%
	pública	52,4%	4,8%	1,6%	3,2%
Total		55,6%	7,9%	1,6%	34,9%

Fonte: dados organizados pelas pesquisadoras.

A tabela 4 apresenta o nível de alfabetização quanto ao ano escolar cursado e amplia os dados ao acrescentar o ano escolar cursado agora comparado. Os dados confirmam os dados do tipo de escola descritos na tabela 3. Todas as crianças do 1º ano da escola particular estão no nível alfabético. Dos 35 (56,6%) estudantes que estão no nível pré-silábico, 33 (52,4%) são da escola pública e dos 22 (alfabéticos) somente 2 (3,2%) são da escola pública e 20 (31,7%) são da escola particular.

Tabela 4 - Nível de Alfabetização /Ano escolar cursado.

		Ano escolar cursado		Total
		Jardim II	1o ano ensino fundamental	
Nível de Alfabetização	Pré-silábico	28,6%	27,0%	55,6%
	Silábico sem valor sonoro	3,2%	4,8%	7,9%
	Silábico com valor sonoro	0,0%	1,6%	1,6%
	Alfabético	1,6%	33,3%	34,9%
Total		33,3%	66,7%	100,0%

Fonte: dados organizados pelas pesquisadoras

A tabela 5 cruza os dados das escolas pública e particular com os níveis de alfabetização e o ano escolar cursado. Os dados corroboram a perspectiva de que os estudantes alfabetizados estão predominantemente na escola particular.

Tabela 5 - Nível de Alfabetização / Ano escolar cursado / Escola

			Ano escolar cursado		Total
			Jardim II	1o ano ensino fundamental	
Particular	Nível de Alfabetização	Pré-silábico	8,3%	0,0%	8,3%
		Silábico sem valor sonoro	8,3%	0,0%	8,3%
		Alfabético	4,2%	79,2%	83,3%
		Total	20,8%	79,2%	100,0%
Pública	Nível de Alfabetização	Pré-silábico	41,0%	43,6%	84,6%
		Silábico sem valor sonoro	0,0%	7,7%	7,7%
		Silábico com valor sonoro	0,0%	2,6%	2,6%
		Alfabético	0,0%	5,1%	5,1%
	Total	41,0%	59,0%	100,0%	
Total	Nível de Alfabetização	Pré-silábico	28,6%	27,0%	55,6%
		Silábico sem valor sonoro	3,2%	4,8%	7,9%
		Silábico com valor sonoro	0,0%	1,6%	1,6%
		Alfabético	1,6%	33,3%	34,9%
	Total	33,3%	66,7%	100,0%	

Fonte: dados organizados pelas pesquisadoras.

Esses resultados são inquietantes, e deixam algumas perguntas sem respostas claras. O que causou a diferença em particular nessas duas escolas? Por que a escola pública teve resultados tão diferentes da escola particular? O que faltou ou o que foi feito em uma e outra para causar uma diferença tão acentuada? Alguns podem alegar o nível sócio econômico, outros alegariam a presença e a participação dos pais, outros ainda mencionariam questões de ordem metodológica.

Sem dúvida, que pais de estudantes de escolas privadas têm melhor nível socioeconômico e por sua vez possuem um nível de instrução educacional maior, e

assim maior disponibilidade e facilidade para ajudarem seus filhos perante as atividades oferecidas, também maior interesse pela educação.

Para Scopel, Souza e Lemos, (2012): O desenvolvimento da linguagem sofre influência de fatores ambientais presentes nos meios em que as crianças estão inseridas, como por exemplo, a família e a escola. O meio assume um papel essencial no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem, pois nele a criança vai se desenvolver de forma progressiva. Em um ambiente estimulante e facilitador a complexidade da linguagem da criança ou de cada indivíduo se desenvolverá de forma natural respeitando o ritmo individual. Assim, se pode inferir que como a linguagem esta interligada com a escrita, os meios que favorecem uma influem diretamente na outra. Com isso o ambiente em que o aluno está inserido pode ou não interferir diretamente com o seu nível de desenvolvimento. Um ambiente solicitante e facilitador são elementos de suma relevância no processo de evolução do ensino.

Ainda pode ser enfatizado que na sociedade atual, com os meios tecnológicos avançados em que a leitura e a escrita estão dominando todos os meios, as crianças são influenciadas desde o nascimento, pois, já vem ao mundo em sociedade letrada. Esses pequenos indivíduos de diferentes classes socioeconômicas já convivem de uma forma ou outra com a leitura e a escrita. Para Ceale (2004, p. 09) “o problema é que as crianças das camadas desfavorecidas têm um convívio menos frequentes e menos intenso com textos impressos do que as crianças das classes sociais mais favorecidas”.

O papel do professor nesse processo merece destaque uma vez que sua metodologia de ensino-aprendizagem poderá inferir positivamente ou negativamente. Para Duarte, Rossi e Rodrigues (2008, p.7) “[...] é necessário que o professor considere as escritas do ponto de vista construtivo, representando a evolução de cada criança, é preciso que haja uma reestruturação interna na escola com relação à alfabetização e também no que se refere às formas de alfabetizar”.

Estudos importantes de Mantovani de Assis (2000 e 2010) abrem espaço para responder pelo menos parcialmente a diferença tão acentuada encontrada nessa investigação.

Mantovani de Assis (2000) estudou 380 crianças com idade entre 5 a 13 anos de escolas públicas e particulares. Os dados obtidos indicaram que muitas das crianças

mesmo escolarizadas se encontravam no estágio operatório concreto³, somente 3,5% da escola pública e 5% das escolas particulares. Comprovando a existência de um atraso no desenvolvimento intelectual das crianças.

A fim de verificar se seria possível evitar atrasos no desenvolvimento intelectual das crianças Mantovani de Assis (2000) constituiu um grupo experimental e um grupo controle com crianças de escolas públicas e particulares. Fez um pré-teste e uma intervenção pedagógica, a qual denominou de processo de solicitação do meio. Tal processo consistiu em oferecer às crianças a oportunidade de se defrontar com situações- problema que geram conflitos e contradições, que desencadeiam o processo de equilíbrio responsável pela construção das estruturas da inteligência. Propiciou um ambiente moral e intelectualmente enriquecedor, capaz de compensar, por sua atmosfera e pela abundância e diversidade do material usado, a pobreza do ambiente familiar e escolar no tocante aos estímulos à curiosidade e à atividade. Enquanto no grupo controle a evolução verificada foi de 4,2% no grupo experimental submetido a intervenção 80,8% das crianças chegaram ao estágio operatório concreto. Comparando-se os resultados de ambos os grupos a autora concluiu que o processo de solicitação do meio contribuiu para que as crianças pertencentes ao grupo experimental apresentassem um progresso bastante significativo. Enquanto 80,8% das crianças do grupo experimental apresentaram o progresso máximo, o mesmo não aconteceu com as crianças do grupo controle.

Outro fator importante nessa pesquisa de Mantovani de Assis (2000), diz respeito ao nível sócio econômico. A proporção de crianças que atingiram o estágio das operações concretas, não aumentou em relação direta ao nível socioeconômico como era esperado. Isso significa que o nível socioeconômico não exerceu influencia no progresso do desenvolvimento intelectual das crianças. Para Montavani de Assis (2000), isso pode ser explicado pela qualidade do trabalho nas classes experimentais, o ambiente sócio afetivo livre de tensões, coação e pressão, o relacionamento professor/aluno baseado no respeito mútuo. O estágio de pensamento em que as crianças se encontravam, suas necessidades e interesses constituíam um quadro referencial a partir do qual o professor planejava e organizava situações em que a criança, ao perceber a existência de um problema e tentava resolvê-lo. A intervenção

³ O estágio operatório concreto é aquele em que os processos mentais da criança tornam-se lógicos e ela demonstra possuir as noções de conservação de quantidades contínua e descontínuas bem como as noções de classificação e seriação operatórias

pedagógica proposta no programa de solicitação do meio foi capaz de assegurar a ação sobre os objetos e a interação social.

A prática docente quando fundamentada nos conhecimentos da psicologia, da filosofia e sociologia da educação, pode ser um meio eficaz de propiciar as condições necessárias para que o desenvolvimento da criança se realize em ritmo normal. À educação cabe a responsabilidade muito maior do que a de assegurar a toda criança a aprendizagem da língua escrita e da matemática, visto que é preciso garantir que a escola ofereça a toda criança as possibilidades de um completo desenvolvimento intelectual, afetivo e sócio moral. (MANTOVANI DE ASSIS, 2000, p.14).

Existe um universo muito grande de estudantes do ensino fundamental e médio que, tendo boas condições para aprender, não se interessam ou não sabem como fazê-lo, e ainda outro universo que escondem o fracasso em boas notas, é o que Mantovani de Assis (2010) chama de fracasso "inaparente". Segundo a autora, além do fracasso do aluno que não aprende por não dispor de estruturas cognitivas necessárias para a aquisição de conteúdos propostos pela escola, há também o fracasso que embora exista, esconde-se atrás de boas notas. Trata-se de um fracasso "inaparente" porque o desempenho do aluno que permite sua aprovação de um ano escolar para o outro, é baseado simplesmente na utilização de mecanismos de memorização para responder à solicitação escolar, sem que haja compreensão de sua própria resposta.

É possível que a diferença tão acentuada verificada nessa investigação esteja relacionada com a solicitação do meio, que implica em proposições metodológicas ativas. Esse estudo embora bem elementar quanto ao número de participantes e das escolas envolvidas abre perspectivas de investigação quanto ao tipo de solicitação do meio em escolas públicas e particulares.

Considerações finais

Fundamentado nas pesquisas realizadas utilizando o recurso da sondagem para a elaboração deste artigo, foi verificado que ambas as escolas apresentam realidades bem divergentes que influenciam diretamente na aprendizagem. Escolas que dispõem de uma estrutura melhor, professores mais qualificados, acesso a materiais didáticos de qualidade, apoio e presença dos pais parece que possibilita aos estudantes se saírem melhor quando comparados com outras realidades onde o ensino ofertado tem poucos recursos. A ausência dos pais, não disponibilidade de materiais básicos para realização das atividades, essas diferenças contribuem ainda mais para a disparidade no ensino

público e privado, contudo um meio solicitante promovido pelas escolas poderia dirimir essa diferença e garantir a todas as crianças o direito à educação. A educação escolar não pode ser privilégio de um grupo de crianças em detrimento de outras. A educação escolar deve propiciar à criança um ambiente solicitador, com desafios, situações problema e que apele à ação das crianças sobre os objetos do conhecimento, por que mesmo de nível socioeconômico baixo essas possivelmente poderão alcançar um desenvolvimento intelectual satisfatório.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa** (1º e 2º ciclos do ensino fundamental). v. 3. Brasília: MEC, 1997.

CEALE-SEE-MG. **Orientações para a organização do ciclo inicial de alfabetização. Caderno 3**. Belo Horizonte, 2004.

DUARTE, Karina; ROSSI, Karla; RODRIGUES, Fabiana. O processo de alfabetização da criança segundo emília ferreiro. **Revista Científica Eletrônica de Pedagogia Editora FAEF**, ano VI, n.11, jan.,2008. Acesso em: 03 de dezembro de 2017.

FERNANDEZ, A. **A inteligência aprisionada**: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Porto Alegre, RS: Artes Médic
FERREIRA, Luiza Goulart. **Trabalho construtivo da criança no processo de alfabetização**. In (ORG) Mantovani de Assis. Alfabetização. Campinas: Laboratório de Psicologia Genética, 2015.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

FREIRE, Angela. **Contribuições teóricas de Emília Ferreiro e Ana Teberosky**. P.1-8, 2003.

MANTOVANI DE ASSIS. O. Z. A escola e a construção das estruturas da inteligência na criança. **Rev. Online Bibl. Prof. Hoel Martins**, Campinas, SP, v.2, n1, out.2000.

MANTOVANI DE ASSIS. O.Z. **Proepr fundamentos teóricos e prática pedagógica**. São Paulo: Book, 2010.

MOREIRA, Claudia Martins. Os estágios de aprendizagem da escritura pela criança: uma nova leitura para um antigo Linguagem em Discurso, **Palhoça**, SC, v. 9, n. 2, p. 359-385, maio/ago. 2009. Acesso em: <http://www.scielo.br/pdf/ld/v9n2/07.pdf>

SCOPEL, ramilla recla; SOUZA, valquíria conceição; LEMOS, stela maris aguiar. **A influência do ambiente familiar e escolar na aquisição e no desenvolvimento da linguagem: revisão de literatura**. Universidade Estadual de Minas Gerais. Acesso em :03 de dezembro de 2017.